

A COMPAIXÃO

1. Da competição a compaixão

Se há uma noção fundamental comum a todas as grandes religiões, é, por certo, a da «compaixão». As sagradas escrituras dos hindus, budistas, muçulmanos, judeus e cristãos, todas elas falam de Deus como o Deus da compaixão. Num mundo em que a competição continua a ser a forma dominante como as pessoas se relacionam umas com as outras, quer na política, quer no desporto e na economia, todos os verdadeiros crentes proclamam a compaixão, e não a competição, como o método de Deus.

Como é possível fazer da compaixão o centro da nossa vida? Como seres inseguros, ansiosos, vulneráveis e mortais - de alguma forma sempre envolvidos, algures, na luta pela sobrevivência -, a competição parece oferecer-nos uma boa dose de satisfação. Nas olimpíadas, bem como na corrida presidencial americana, é claro que vencer é o que mais se deseja e admira.

Mesmo assim, Jesus diz: «Sede misericordiosos como o vosso Pai celeste e misericordioso» (Lc 6, 36). Durante séculos, todos os grandes líderes espirituais se têm feito eco destas palavras. A compaixão - que, a letra, significa «sofrer com» - é a via para a certeza de que somos cada vez mais nós mesmos, não quando somos diferentes dos outros, mas quando somos uma e a mesma coisa. Na verdade, a principal questão espiritual não é: «Qual é o teu contributo específico?», mas: «O que é que tu tens em comum?». Não é o «suplantar», mas sim o «servir que faz de nós pessoas mais humanas; não é o demonstrarmos a nos mesmos que somos melhores do que os outros, mas sim confessarmos que somos precisamente como os outros. É esse o caminho para a cura e para a reconciliação.

A compaixão, ou seja, estar com os outros quando e onde eles sofrem, e participar voluntariamente na fraternidade dos fracos, é o caminho de Deus para a justiça e para a paz entre os povos. Será isto possível? Sim, mas só quando tivermos a coragem de viver radicalmente a fé segundo a qual não temos que competir nem sequer pelo amor, já que o amor nos é dado livremente por Aquele que nos chama a compaixão.

2. Ser o bem-amado

Jesus mostra-nos o caminho da compaixão, não só pelo que diz, mas, também, pela forma como vive. Jesus fala e vive como o Filho bem-amado de Deus. Um dos acontecimentos centrais da vida de Jesus é relatado por

Mateus: «Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que os céus se Lhe abriram e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do céu dizia: "Este é o meu Filho muito amado, no Qual pus toda a minha complacência" (Mt 3, 16-15).

Este evento revela a verdadeira identidade de Jesus. Jesus é o «Bem-Amado» de Deus. Esta verdade espiritual guiará todos os seus pensamentos, palavras e acções. E a rocha sobre a qual o seu ministério de compaixão será construído. E isto torna-se óbvio quando o Evangelho nos diz que o mesmo Espírito, que desceu sobre Ele quando saia da água, O conduziu também ao deserto para ser tentado. Aí o «Tentador» veio ter com Ele pedindo-Lhe que demonstrasse que valia a pena ama-l'O. O «Tentador» disse-Lhe: «Faz algo de útil, como transformar pedras em pão. Faz algo de sensacional, como lançares-Te duma torre. Faz algo que traga o poder, como honrar-me a mim» (cf. Mt 1ss). Estas três tentações eram três maneiras de levar Jesus a tornar-Se um «competidor» pelo amor. O mundo do «Tentador» é precisamente o mundo em que as pessoas competem pelo amor fazendo coisas úteis, sensacionais e poderosas, para assim obterem medalhas que lhes ganhem o afecto e a admiração dos outros.

Jesus, porem, e muito claro na sua resposta: «Não tenho que demonstrar se sou digno de amor. Eu sou o Bem-Amado de Deus, Aquele em quem Deus Se compraz». Foi essa vitória sobre o Tentador que fez de Jesus um homem livre para optar por uma vida de compaixão.

3. Mobilidade descendente

A vida de compaixão é a vida da mobilidade descendente! Numa sociedade em que a mobilidade ascendente é a norma, a mobilidade descendente não só não é encorajada como inclusivamente é considerada imprudente, pouco saudável, senão mesmo completamente estúpida. Quem será que escolhe livremente um emprego mal pago quando lhe é oferecido um outro bem pago? Quem será que escolhe a pobreza quando a riqueza está ao seu alcance? Quem será que escolhe um lugar escondido quando há um lugar na ribalta da vida? Quem será que opta por viver por uma única pessoa com graves carências quando poderia ajudar muitos ao mesmo tempo? Quem será que escolhe retirar-se para um lugar de solidão e oração quando há tantas exigências urgentes em toda a parte?

Toda a minha vida, fui encorajado por gente bem-intencionada a «subir na escala» e o argumento mais comum era: «Nessa posição, pode fazer tanto bem a tanta gente».

Mas essas vozes estavam a chamar-me para a mobilidade ascendente estão completamente ausentes do Evangelho. Jesus diz: «Quem ama a sua vida, perdê-la-á e quem odiar a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna» (Jo 12, 25). E diz mais: «Se não vos fizerdes como crianças nunca entrareis no reino dos céus» (Mt 18, 3). E finalmente diz: «Vós sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vos. Ao contrário, quem quiser fazer-se grande entre vos, seja o vosso servo; e quem quiser ser o primeiro no meio de vós, seja vosso escravo, assim fez o Filho do Homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pelo resgate de muitos» (Mt 20, 25-28).

Esta é a via da mobilidade descendente, a via descendente de Jesus. E a via que leva aos pobres, aos que sofrem, aos marginalizados, aos prisioneiros, aos refugiados, aos que estão sós, aos esfomeados, aos moribundos, aos torturados, aos sem-tecto - a todos os que pedem compaixão. O que é que eles têm a oferecer em troca? Nem sucesso, nem popularidade, nem poder, mas a alegria e a paz dos filhos de Deus.

4. O dom secreto da compaixão

A mobilidade descendente, o ir ter com os que sofrem e partilhar as suas penas, parece que sabe um pouco a masoquismo ou até doença. Que alegria pode haver na solidariedade para com os pobres, os doentes e os moribundos? Que alegria pode haver na compaixão?

Pessoas como Francisco de Assis, Carlos de Foucauld, Mahatma Gandhi, Albert Schweitzer, Dorothy Day e muitos outros, eram tudo menos masoquistas ou doentes. Todos irradiavam alegria.

Esta e, obviamente, uma alegria desconhecida do nosso mundo. Se nos guiássemos pelo que nos dizem os meios de comunicação social, a alegria devia ser o resultado do sucesso, da popularidade e do poder, mesmo que os que detêm essas coisas tenham, com frequência, um coração pesado e até deprimido.

A alegria que provém da compaixão é um dos segredos mais bem guardados da humanidade. É um segredo só conhecido por poucas pessoas, um segredo a descobrir continuamente.

Eu, pessoalmente, tive umas «amostras» dela. Quando vim para Daybreak, uma comunidade com pessoas com deficiências mentais, pediram-me para passar algumas horas com Adam, um dos membros deficientes da comunidade. Todas as manhãs, tinha que o levantar da cama, dar-lhe banho,

barbeá-lo escovar-lhe os dentes, dar-lhe o pequeno-almoço e leva-lo para o lugar onde ele passa todo o seu dia. Durante as primeiras semanas, quase tive medo, sempre preocupado com não fazer nada mal ou com que ele tivesse algum ataque épico. Mas, pouco a pouco, fui ficando mais calmo e comecei a apreciar a nossa rotina diária. Com o passar das semanas, descobri que já era com ansiedade que esperava por aquelas duas horas que passava com o Adam. Sempre que pensava nele durante o dia, experimentava um sentimento de gratidão por o considerar meu amigo. Embora ele não fosse capaz de falar e nem sequer de fazer um sinal de agradecimento, havia um autêntico amor entre nós. O meu tempo com Adam tornara-se o tempo mais precioso do dia. Quando uma visita amiga me perguntou um dia: «Não poderias passar melhor o tempo que a trabalhar com um homem deficiente? Foi para fazer esse tipo de trabalho que tiraste o teu curso?», compreendi que não era capaz de lhe explicar a alegria que o Adam me trazia. Ele tinha que descobrir isso por si mesmo.

A alegria é o dom secreto da compaixão. Continuamos a esquecer-nos disso e inconscientemente procuramo-la em outros lugares. Mas, cada vez que voltamos para onde existe a dor, conseguimos uma nova «amostra» de alegria que não é deste mundo.

5. Exatamente onde estamos

Seria triste se pensássemos que a vida de compaixão é uma vida de heroica auto-negação. A compaixão, como movimento descendente para a solidariedade, em vez de movimento ascendente para a popularidade, não exige gestos heroicos ou uma viragem sensacional. Com efeito, a vida de compaixão quase sempre está escondida na quotidianidade da nossa vida de todos os dias. Até a vida daqueles que admiramos pelos seus exemplos de compaixão demonstram que a via descendente em relação, aos pobres foi, acima de tudo, praticada através de pequenos gestos diários.

A questão que realmente conta não é, pois, se devemos imitar a Madre Teresa, mas se devemos abrir o coração aos pequenos sofrimentos daqueles com os quais partilhamos a nossa vida. Estamos ou não na disposição de nos ocuparmos dos que não estimulam a nossa curiosidade? Ouvimos os que não nos atraem imediatamente? Sentimos compaixão por aqueles cujo sofrimento permanece escondido aos olhos do mundo? Há muito sofrimento escondido: o do jovem que não se sente seguro; o do marido e da esposa que acham que já não há amor entre eles; o do gerente rico que pensa que as pessoas estão mais interessadas no seu dinheiro que em si; o do homem ou da mulher gay que se sentem isolados da família e dos amigos; o de inúmeras pessoas que não tem amigos que se interessem por eles, que não tem um

trabalho satisfatório, uma casa confortável, vizinhos de confiança; o de milhões de pessoas que se sentem sós e que não sabem se vale a pena viver.

Se olharmos de baixo em vez do alto para a escada da vida, veremos o sofrimento das pessoas onde quer que vamos e sentiremos o apelo da compaixão onde quer que estejamos. A verdadeira compaixão começa sempre exatamente onde nós estamos.

6. Sofrer com os outros

Ter compaixão é algo mais do que ter dó. Ter dó sugere distância, e até uma certa condescendência. Com frequência, eu actuo por dó. Dou algum dinheiro de esmola a algum pedinte nas estradas de Toronto ou Nova Iorque, mas não olho para ele olhos nos olhos, não me sento ao seu lado nem falo com ele. Estou demasiado ocupado para prestar realmente atenção a pessoa que me estende a mão. O meu dinheiro substitui a minha atenção pessoal e representa uma desculpa para continuar o meu caminho.

Ter compaixão significa aproximar-se de quem sofre. Mas só podemos aproximar-nos duma outra pessoa quando estamos dispostos a tornar-nos vulneráveis. Uma pessoa compassiva diz: «Eu sou teu irmão; eu sou tua irmã; eu sou humano, frágil e mortal; precisamente como tu. Não me escandalizo com as tuas lágrimas nem tenho medo da tua dor. Também eu lá chorei». Só podemos estar com o outro quando o outro deixa de ser «outro» para se tornar como nós.

Esta talvez seja a principal razão por que, por vezes, achamos mais fácil ter dó que compaixão. A pessoa que sofre apela para que nós nos tornemos conscientes do nosso próprio sofrimento. Como posso reagir à solidão de alguém se eu não estiver em contacto com a minha própria experiência de solidão? Como posso estar perto de pessoas deficientes se recuso reconhecer as minhas próprias deficiências? Como posso estar com os pobres se não estou disposto a confessar a minha própria pobreza?

Quando reflito sobre a minha própria vida, compreendo que os momentos de maior conforto e consolação foram os momentos em que alguém disse: «Eu não posso tirar-te o sofrimento, não posso oferecer uma solução ao teu problema, mas posso prometer-te que não te deixarei sozinho e estarei ao teu lado tanto tempo e tão bem quanto me for possível». Há muita angústia e sofrimento na nossa vida, mas que bênção quando não temos que viver a nossa angústia e sofrimento sozinhos! Esse é o dom da compaixão.

7. Juntos em silencio

Os momentos de verdadeira compaixão ficarão gravados no nosso coração até ao fim da vida. Frequentemente, estes são momentos sem palavras: momentos de profundo silêncio.

Recordo-me duma experiência de total abandono - o coração em angústia, a mente a endoidecer de desespero, o corpo a tremer de modo selvagem. Chorei, gritei e bati com os punhos no soalho e nas paredes. Dois amigos estavam comigo. Não disseram nada. Limitaram-se a estar lá. Quando, algumas horas depois, acalmei um pouco, eles continuavam lá. Puseram-me os braços a volta, seguraram-me e baloiçaram-me como a uma criança. Depois, sentamo-nos no soalho. Os meus amigos deram-me algo para beber. Eu não era capaz de falar. Havia só silêncio... um silêncio profundo.

Hoje, penso nessa experiência como uma fase decisiva na minha vida. Não sei como poderia ter sobrevivido sem os meus amigos.

Recordo-me também que uma vez um amigo veio ter comigo contar-me que a sua esposa o tinha deixado nesse dia. Sentou-se à minha frente a chorar. Eu não sabia o que dizer. Simplesmente não havia nada a dizer. O meu amigo não precisava de palavras. O que ele precisa era simplesmente da companhia dum amigo. Eu peguei-lhes nas mãos e ficamos ali sentados... em silêncio. Houve uma altura em que lhe quis perguntar porque é que tudo tinha acontecido, mas sabia que aquela não era altura para perguntas. Era só altura de estar ali juntos como amigos que não têm nada para dizer, mas que não têm medo de estar em silêncio juntos.

Hoje, quando penso nesse dia, sinto uma gratidão profunda, por esse meu amigo me ter confiado a sua mágoa.

8. Dar e receber

Uma das mais belas características da vida de compaixão é que há sempre um movimento mútuo de dar e receber. Quem tenha realmente optado por uma vida de compaixão dirá: «Recebi pelo menos tanto como dei». Os que trabalharam com os moribundos em Calcutá, os que viveram entre os pobres das «novas cidades» a volta de Lima ou nas favelas de São Paulo, os que se dedicaram aos doentes da Sida ou aos deficientes mentais - todos eles hão-de expressar uma profunda gratidão pelos dons recebidos daqueles a quem eles foram ajudar. Provavelmente não há sinal mais claro de autêntica compaixão que a dádiva mútua.

Um dos tempos mais memoráveis da minha própria vida foi o tempo que passei com a família Osco Moreno, em Pamplona Alta, perto de Lima, Peru. Pablo e a sua mulher, Sofia, com os seus três filhos, Juan, Maria e Pablito,

ofereceram-me a sua generosa hospitalidade, embora fossem extremamente pobres. Nunca esquecerei os seus sorrisos, o seu afecto, a sua alegria - tudo no meio duma vida cheia de preocupações sobre como sobreviver por mais um dia. Eu fui para o Peru com um desejo sincero de ajudar os pobres. Voltei a casa com uma profunda gratidão pelo que recebi. Mais tarde, enquanto lecionava na «Harvard Divinity School», frequentemente sentia autênticas saudades daquela «minha família». Tinha saudades das crianças penduradas nos meus braços e nas minhas pernas, rindo às gargalhadas e partilhando as suas bolachas e bebidas comigo. Tinha saudades da espontaneidade, intimidade e generosidade com que os pobres de Pamplona Alta me rodearam. Eles inundaram-me literalmente de dons de amor. Sem dúvida, eles estavam felizes e até orgulhosos por ter este enorme «Padre Gringo» com eles, mas, por muito que lhes tenha dado, isso não foi nada em comparação com o que recebi.

A recompensa da compaixão não é algo de que a gente esteja à espera. Está escondida na própria compaixão. Sei isto por experiência.

9. O dom da auto-análise

Por vezes, uma vida de compaixão traz-nos um dom que não estamos a espera de receber: o dom da autoanálise. Os pobres no Peru confrontaram-me com a minha impaciência e com a minha necessidade mais profunda de eficiência e controlo. Os deficientes de Daybreak continuam a confronta-me com o meu medo da rejeição, a minha sede de afirmação e a minha insaciável procura de afecto.

Recordo-me com muita nitidez dum desses momentos de autoconfronto. Durante uma viagem de estudos ao Texas, comprei um enorme chapéu de cowboy para o Raymond, um dos membros deficientes da casa onde vivíamos. Estava ansioso por regressar a casa para lhe entregar o meu presente.

Mas, quando Raymond, cuja necessidade de atenção e afirmação era tão ilimitada como a minha, viu o meu presente, começou a gritar para mim: «Não preciso do teu presente estúpido Tenho presentes suficientes. Já não há lugar para mais no meu quarto. As minhas paredes já estão cheias. É melhor fiques com o teu presente. Não preciso dele para nada». As suas palavras feriram-me profundamente. Fizeram-me compreender que, embora querendo ser seu amigo, em vez de passar algum tempo com ele e de lhe dar a minha atenção, eu lhe tinha simplesmente dado um presente caro. A reacção furiosa de Raymond ao chapéu texano confrontou-me com a minha incapacidade de entrar em relação pessoal com ele e de desenvolver uma

autêntica amizade. O chapéu, em vez de ser visto como uma expressão de amizade, foi visto como um seu substituto.

Obviamente, tudo isto aconteceu inconscientemente da minha parte e da parte de Raymond. Mas, quando os gritos do Raymond me feriram até às lágrimas, cheguei a conclusão que as minhas lágrimas eram, acima de tudo, lágrimas choradas sobre o meu próprio falhanço.

Esta possibilidade de auto-análise é também um dom da vida de compaixão. E um dom difícil de aceitar, mas um dom que nos pode ensinar muito e ajudar na nossa procura da totalidade e da santidade.

10 - O coração de Deus

O que significa viver no mundo com um coração realmente compassivo, um coração que se mantém aberto a toda a gente e sempre? É muito importante compreender que a compaixão é mais do que a simpatia ou a empatia. Quando as pessoas nos pedem para escutarmos as suas dores e para entrar em empatia com os seus sofrimentos, atingimos depressa os nossos limites emocionais. Podemos escutar apenas por alguns instantes e apenas poucas pessoas. Na nossa sociedade somos bombardeados por tantas «notícias» sobre a miséria humana que o nosso coração facilmente se sente confuso, simplesmente porque fica sobrecarregado.

Mas o coração compassivo de Deus não tem limites. O coração de Deus é maior, infinitamente maior, que o coração humano. É esse coração divino que Deus quer dar-nos para podermos amar todos os homens sem explodirmos ou ficarmos confusos.

É por um coração compassivo assim que nós rezamos quando dizemos: «Ó Senhor, criai em mim um coração puro e infundi em mim um espírito recto. Não me afasteis da vossa presença nem me priveis do vosso Santo Espírito» (SI 51,1-13).

O Espírito Santo de Deus é-nos dado para nos podermos tornar participantes da compaixão de Deus e para irmos ao encontro de todos os povos em todo o tempo com o coração de Deus.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. VIII, Compaixão, pp. 103-117*